

# SABERES DOS POVOS DA MATA AMAZÔNICA E A NATUREZA

Elane Andrade Correia Lima\*

## 1. Introdução

*"Peço que escutem cada linha desta nossa conversa deixando o coração ser levado pelo sentido de pertença à grande teia da vida – da qual vocês e eu somos fios. Se alguém quiser compreender minha cultura, comece a ler nossas histórias, comece a sintonizar os nossos heróis, comece a vivenciar nossa poesia." Daniel Munduruku.*

Inicialmente, apresentaremos os saberes dos povos da mata mediante algumas reflexões dos pensadores Daniel Munduruku (membro da tribo Munduruku/Pará) e o antropólogo Lévi-Strauss, cujos conteúdos expressam uma relação de interconexão indissociável entre os domínios de natureza e cultura. O pensamento de ambos os autores será tratado nesse momento em forma de diálogo:

*"Estes pássaros estão dizendo duas coisas. Primeira: mais tarde vai chover, segunda: aconteceu algum fato triste por aqui. Daqui a pouco iremos saber o que é, pois estamos chegando na aldeia terra Preta... A gente acredita que os pássaros são mensageiros dos espíritos do tempo. Eles são capazes de ver além do que vemos e sempre nos falam o que vai acontecer... O vôo deles é como uma escrita, um texto que a gente vai aprender a ler... e todos os pássaros são mensageiros? Não, apenas aqueles que voam alto". (Munduruku, 2004b, p. 42)...O sistema divinatório, escolhe aves com base num sistema coerente quando percebido em seu conjunto: "retém somente as aves cujos costumes se podem prestar facilmente a um simbolismo antropomórfico e que são fáceis de diferenciar umas das outras por*

Saberes dos povos  
da Mata Amazônica  
e a natureza

Elane Andrade  
Correia Lima

\*Elane Andrade Correia Lima é professora da Universidade Federal do Acre, doutoranda pela Universidade do Rio Grande do Norte.

*meio de traços combináveis entre si, a fim de criar as mensagens mais complexas" (Freeman, 1961, apud Levi-Strauss, 1960, p. 71).*

Os sistemas analíticos dos saberes dos povos da mata - demonstrados através da sua arte de prestar atenção ao mundo, especificamente retratado na citação anterior pelo vôo dos pássaros que, para eles, deixam no seu rastro um texto apenas lido pela observação minuciosa, persistente e sistemática - possuem como parâmetro um método permeado pela lógica do sensível, cuja dinâmica promove um encontro entre a realidade que está ali (natureza), entregando-se a eles, ao seu olhar (cultura) que a recebe plenamente, formando um uma teia de interesses voltados à sustentabilidade da vida.

Os povos da mata vêem e escutam a natureza com uma audição e uma visão racionais, intuitivo-sintéticas e não-lineares, que se manifestam pela dedicação persistente. Esses povos ao lançarem mão dessas maneiras de interpretar o mundo, não compartimentam e categorizam a forma de pensar em componentes distintos, mas, fazem deles, a razão e a emoção, uma união para melhor entender a vida. E a entende integrando-se a ela, e a vê como parte de um todo maior, tecendo à sua maneira uma conversa entre os sistemas como um todo.

A atitude que os povos da mata mantêm para com o mundo natural os faz responder aos ecos da criação observando o seu chamado, a sua fala e ao seu próprio papel no processo de construção de respostas às suas necessidades intelectuais e práticas. Essa relação demonstra sensibilidade, criatividade e capacidade para interpretar os fenômenos naturais, de maneira que possam contribuir para que eles entendam os movimentos de sua própria vida.

Este jeito de fazer conhecimento possibilita o florescimento num mesmo ritmo, do observador e do "objeto" observado, pois para os povos da mata, o processo de conhecimento - a epistemologia - deve estar intrinsecamente relacionado ao seu método, à

observação, descrição e experimentação dos fenômenos naturais, como um tecido formado por fios de subjetividade e objetividade.

Para os povos da mata, o conhecimento não tem um significado objetivo, distante e separado dos componentes que lhes são próprios, como os elementos intuitivos, afetivos, emocionais, místicos e racionais. Contribui decisivamente para que os alicerces do conhecimento sejam rejuntados numa mesma rede, onde o homo sapiens, sapiens e demens se assuma enquanto ser único que presta atenção à realidade como uma rede interconectada por relações que se entrelaçam.

Todo o conhecimento dos povos da mata é revisitado quotidianamente por eles mesmos, podendo ser ratificado ou retificado conforme as suas experiências, por isso, não tem como perspectiva a finitude e a certeza absoluta do saber, o que os levam a tê-lo, o saber, como uma verdade aproximada e limitada e, conseqüentemente, não completa e definitiva da realidade.

A rede de conhecimento desse povo demonstra, assim, a sua dialógica que faz a ligação entre os domínios de cultura e natureza, superando a idéia monolítica do saber moldado pela cultura sem uma relação mais sintonizada com o mundo natural. Os povos da mata encontram a sua verdade na sua relação de intimidade com a natureza, e é essa a condição básica para a produção do seu saber.

Para os povos da mata, o conhecimento não implica a obtenção de elementos que poderão lhes dar condições de controle sobre a natureza, representam, no entanto, insumos que os fazem desenvolver e aprofundar sentimentos de conexão e cooperação com o mundo natural, "procuram o conhecimento a fim de aprenderem a respeito dos fenômenos naturais e de serem capazes de seguir a ordem natural e de fluir na corrente do Tão." (Capra, 1991: 25). Para tanto possui um sentimento de pertencimento ao seu lugar social e natural, sente-se pertencer à teia da vida.

Os povos da mata, por se sentirem intrinsecamente sintonizados com o universo, possuem um sentimento de pertença que os difere do pensamento cultivado ou domesticado.

O sentido de pertencimento que norteia o âmago da relação entre os homens e a natureza representa o tema central do processo de criação da rede dos saberes tradicionais, tecida delicadamente e sistematicamente num cenário onde o componente natural é o tom fundamental, e os homens encontram-se "incrustados nos ciclos de luz e de trevas da natureza, de sol ardente e de suavizante neblina, de calma serena e de temporais assustadores". (Capra, Rast e Sur, 1991).

O sentido de pertença leva os povos da mata ao reconhecimento do seu lugar. Para eles o "eu pertença" significa: "eu encontrei o meu lugar", aqui estou" (Matus, 1991:27). "Estou em casa", significa para eles a necessidade e a alegria de poder cuidar dela, para juntos, eles e o seu canto, viverem decentemente e sustentavelmente. "Pertença a todos os outros seres (...) E pertencer significa: estou em casa com eles, sou responsável por eles e para eles. Veja bem, nós todos nos pertencemos nesta grande unidade cósmica". (Steindl-Rast, p. 28).

Os modernos, no entanto, se sentem a margem de um lugar que lhes pertençam de forma mediada por interesses que os tornem, lugar e indivíduo, parceiros de uma vida, por isso que eles, os modernos, estão sempre à procura de um canto:

*"Sempre com essa busca, com essa questão (...) Talvez se possa dizer que, com frequência, nos sentimos órfãos; nos sentimos perdidos; nos sentimos vagueando à procura de algo, até o dia que encontrarmos o nosso lugar" (...) "é isso aí!" queremos gritar; é isso por que sempre estivemos ansiando vagamente. É como uma intuição – não uma idéia clara ou um conceito claro – uma intuição, graças à qual a nossa busca inquieta encontra repouso por um breve momento. É uma espécie dinâmica de repouso; não é estática nem complacente de maneira nenhuma: é um senso de*

*pertencer que nos impele para um novo anseio" (Steindl-Post, 1991, p. 26-28).*

Os modernos, por não se perceberem pertencendo a um canto, se fazem órfãos de si mesmos e do mundo, vagando num processo de execução de ações descuidadas e insustentáveis com a terra, justamente por desconhecê-la como a mãe que a tudo gerou. Os povos da mata, ao contrário, se posicionam na vida como fios de uma teia formada pela natureza, a terra, o universo, a dimensão cósmica, entendendo-os como o seu lugar, o seu lar. Por isso não se sentem órfãos de si mesmos e nem do seu mundo, a não ser quando os modernos lhes roubam a sua terra.

O sentimento de pertencimento e, conseqüentemente, de respeito dos povos da mata para com a terra os levaram a desenvolver ao longo de sua história um senso de observação permeada pela "lógica do sensível", o que lhes permite ter um conhecimento sistematizado sobre a vida vegetal, animal e suas relações, enfim sobre o seu canto. Essa observação minuciosa e aguçada permite-lhes, inclusive às crianças, a reconhecerem os caracteres genéricos da variedade das espécies de quase todos os seres vivos pertencentes ao seu *habitat*, sejam terrestres ou aquáticos, bem como as suas diferenças mínimas. E na mesma intensidade sensitiva e investigativa, reconhecem as mais sutis mudanças ocorridas nos fenômenos naturais, por isso dialogam com o vento, a luz, as sinalizações coloridas dos céus, do tempo, as ondulações dos rios e mares, numa sintonia que lhes permite inserir-se na vida como parte integrante dela.

O saber dos povos da mata sobre os elementos da natureza, como a fauna e a flora, não implicar identificar somente o número de plantas, pássaros, mamíferos, animais aquáticos e insetos, mas, especialmente, em conhecer os hábitos e costumes de cada espécie. O que é feito mediante uma compreensão de que eles, os povos da mata e a natureza, são fios que se entrelaçam para formarem o tecido da vida.

Essa postura investigativa se dá de acordo com a utilização eficiente de todos os nossos cinco sentidos. Os povos da mata mastigam as plantas, observam a sua aparência, sente o seu cheiro, a sua dureza, e escuta a sua voz quase silenciosa para identificar a sua espécie. É nessa vivência compartilhada, à luz do diálogo sintonizado com a terra e o cosmos, que os povos da mata criaram o seu método de produção de conhecimento que os conduzem a acordos tácitos com um saber preocupado com o espírito de cooperação com a natureza.

Esse método conduz esses povos a apreenderem as propriedades das partes a partir da dinâmica do todo, porém, para eles não há partes em separado, mas sim um todo. O conhecimento gerado a partir desse cenário de entendimento forma uma relação dialógica e híbrida entre o homem e o mundo natural que expressa a trama de relações dinâmicas que fazem a vida natural e humana.

Essa forma de fazer o saber dos povos da mata representa, com base em Lévi-Strauss (1960), um conhecimento tão sistemático que não é tecido para cumprir a função exclusiva de utilidade prática, objetiva, mas, antes, corresponder às necessidades intelectuais. De bom grado poderíamos afirmar que, ainda tendo como referência Lévi-Strauss (1960), as espécies animais e vegetais são úteis ou interessantes devido ao seu conhecimento prévio.

Dessa forma, o método utilizado pelos povos da mata constitui-se numa verdadeira arte de produzir o pensar, viver e criar a engenhosidade do conhecimento que lhes alimentam a ter atenção ao detalhe, à minúcia e à preocupação com as diferenças, como se fora, para espanto dos acadêmicos, um conhecimento científico norteado por registros que a sua sabedoria até então não conseguira alcançar.

O pensamento dos povos da mata é, dessa forma, totalizante, pois pretende ir mais longe do que faculta a razão dialética, uma vez que num extremo escapa a pura

serialidade, e no outro exclui "o esquematismo no qual esses mesmos sistemas encontram seu coroamento". (Lévi-Strauss (1960, p. 273).

Para esse autor o pensamento "selvagem", que neste trabalho recebe o nome de pensamento dos povos da mata, não se caracteriza como "estréia", "um começo", "um esboço" e muito menos como uma parte de um todo ainda não realizado, forma, no entanto, um sistema bem articulado e independente da ciência. Por possuir densidade de análise, apresenta-se como uma forma estratégica de abordagem sobre a natureza dotada de estatuto teórico e metodológico que "produziu um rico e diversificado marco de leitura e interpretação do mundo que contém desde previsões climáticas, até elementos de contorno das idealidades. Trata-se, na verdade, de saberes que, respaldados por quadros de referência distintos, estabelecem estratégias distintas de leitura do mundo." (Almeida, 2001, p. 56).

Podemos afirmar, então, que o saber dos povos da mata representa uma via de análise não superposta ou subposta ao conhecimento científico cartesiano, mas um tipo de saber que possui um método próprio de elaboração do conhecimento que o tece conforme o seu jeito de prestar atenção à vida, com resultados teóricos e práticos singulares aos princípios do bricoleur que, devido aos seus componentes baseados na criatividade, intuição e inovações, tem resistido às intempéries do tempo, bricolando sempre os saberes, as técnicas, os arremessos idílicos da vida e do tempo para, mediante o jogo do saber viver, fazer emergir das entranhas do desconhecido e da experimentação o movimento de produção do conhecimento.

O saber *bricoleur* desses povos expressa com poesia o *modus operandi* do seu povo, cujo conteúdo inscreve-se na história da vida de forma espontânea, sem preocupações com elaborações de planos preconcebidos, atendo-se aos instrumentos que lhes são ofertados pelos fragmentos da terra, do mundo e do cosmos, visando reuni-los num mesmo

Saberes dos povos da Mata Amazônica e a natureza

Elane Andrade  
Correia Lima

diapasão, numa mesma fala. Conforme os seus encontros com os “meios limites” do momento, a bricolagem faz e refaz-se de acordo com as oportunidades contingenciais que lhes servem de alimento para renovações constantes de idas e vindas.

O *bricoleur*, afirma Lévi-Strauss (1989), ao invés de proceder como os cientistas, que consideram um determinado estado entre natureza e cultura a partir de um período histórico, trabalha com uma coleção de resíduos e fragmentos de obras humanas como um subconjunto da cultura, operando através de signos. Por meio dessa condição, coloca-se à espreita de mensagens pré-transmitidas e que são colecionadas por ele no intuito de encarar situações novas. O processo de bricolagem cria formas de analogias e aproximações com o passado já conhecido e o presente que o levam a arranjos novos, que desembocarão em resultados também novos, sem, no entanto, terminá-lo, provocando nesse movimento um “acaso objetivo” dotado de poesia, a “poesia do *bricolage*”, ou seja, ele não se restringe a cumprir ou executar idéias preconcebidas, mas a falar com as coisas e através delas, deixando em cada uma um pouco de si. Não se aprisionando aos fatos e experiências, torna-se, na verdade, um libertador de idéias, de sentidos. A bricolagem, conforme Carvalho, constitui-se em:

*“processo que se define basicamente pela ausência de um projeto que ajuste, de modo linear e causal, meios a fins. Nela se desfazem as dualidades entre arte e ciência, ciência e mito, razão e desrazão. Seu papel é criar signos e significados valendo-se de resíduos culturais acabados, imprimindo-lhes rearranjos e reorganizações. De certo modo, a bricolagem expressa o dilaceramento e as desavenças do homo duplex consigo mesmo e com os outros”.* (CARVALHO, 2003, p. 9).

Para eles, os povos da mata, a bricolagem do conhecimento nasce, portanto, da experiência vivida enquanto processo de repetição, de experimentação e comprovação. E aí o tempo para eles se torna interminável. Nesse contexto, se entendem enquan-

to pessoa na sua relação com o real. A sua consciência individual matura-se com a consciência social, natural e do todo, fazendo, dessa forma, uma religação entre o homem, o social e o mundo natural, juntando-os numa mesma unidade para tecer um ser cósmico. E o faz com sabedoria, como se estivessem brincando de arte, mas uma arte que faz o conhecimento. Divertem-se na busca do sentido, do significado dos elementos que fazem a vida, mantendo com firmeza a história de milhares de anos. A arte de conhecer se dá pelo prazer de conhecer, pelo gosto de ordenar o mundo de forma intelectualmente competente. “Dentre os apetites, o apetite de saber é dos mais poderosos”. (Cunha e Almeida, 2002, p. 13).

As práticas e saberes dos povos da mata dinamizam o seu método que, por sua vez, dinamiza as suas práticas e saberes, dotando os povos da mata de condições de estarem sempre investigando, inovando e colocando-os sempre atento à linguagem da natureza e de si mesmo. E, assim, conseguem não somente entender a complexidade da natureza, mas, principalmente, sentir-se, de fato, um elemento constituidor dela. Por isso, têm facilidade para auscultar os sons da vida, observar os hábitos de cada animal, a floração de cada árvore e definir, mediante o paladar, a singularidade de cada espécie florística, têm, enfim, facilidade para prestar atenção aos movimentos naturais, terrenos e cósmicos.

O conhecimento dos povos da mata, longe de constituir-se um conhecimento “lívido e balbuciante” da ciência, e muito menos um esboço de um conhecimento, é, no entanto, um sistema de idéias construído com base em um método definido e pautado nos princípios da observação, experimentação e comprovação dos fatos. Sendo assim, não devemos opor os saberes dos povos da mata e ciência, mas colocá-los em paralelas, pois ambas representam duas formas de conhecimento desiguais no que respeita aos seus resultados teóricos e práticos. A cultura dos povos da mata e a científica, reunidas num

mesmo diapasão de conhecimento, promovem a universalidade do pensamento que, não obstante possuírem linguagens e universos simbólicos distintos, expressam, na sua essência, uma conexão de idéias, que é a busca do conhecimento humano.

O método utilizado pelos povos da mata possui um sistema de classificação consciente, complexo e coerente que cria um conhecimento extremamente sólido, definido e elaborado conforme as exigências de especulação e reflexão, atenção prolongada e repetida, exercício assíduo em todos os sentidos que podem ser comparados na perspectiva formal dos saberes botânicos e zoológicos, bem como também próximos aos saberes dos naturalistas e herméticos da antiguidade e da idade média; Galeno; Plínio; Hermisstrimegisto; Alberto, o Grande.

Percebem no passo-a-passo cotidiano que o princípio que rege a sua história de autoecoorganização depende da sua relação com a natureza, pois considerando-a um ser dotado de vida e alma, conseguirão reproduzir a sua autonomia e a sua dependência com relação a ela mesma, de maneira que todos esses fatores circundam de forma interacional, formando um método que, para eles, é uma atividade pensante do sujeito (MORIN, 2000c), um sujeito dotado de características que reúnem na sua unidade a razão e a emoção, sem discriminação a um desses componentes. Os povos da mata demonstram que o método é a expressão de quem o faz, é a extensão da forma de olhar de quem o utiliza, razão pela qual cuida da formação do indivíduo, da sua ética. Os saberes dos povos da mata podem não ter uma metodologia no sentido clássico, mas têm um método que é:

*"um momento, (sic), um lembrete (...) Pede para pensarmos nos conceitos, sem nunca dá-los por concluídos, para quebrarmos as esferas fechadas, para estabelecermos as articulações entre o que foi separado, para tentarmos compreender a multidimensionalidade, para pensarmos na singularidade com a localidade, com a temporalidade, para nunca esque-*

*cermos as totalidades integradoras. É a concentração na direção do saber total, e, ao mesmo tempo, é a consciência antagonista". (MORIN, 2000b, p. 68)*

No exercício da leitura que fazem sobre a vida, os povos da mata ressignificam o caminho utilizado, o método, interligando sempre a cultura e a natureza, a ação e a teoria, o sujeito cognoscente e a realidade em que ele se encontra sem perder de vista que o método regenera a teoria, que, por sua vez, regenera de igual forma o método num diálogo incansável e dinâmico. Fazendo do seu método uma "práxis fenomenal subjetiva e concreta, que precisa da geratividade". (MORIN, ibidem, 2000b, p. 68).

O saber da mata tem se firmado como uma via de conhecimento da vida, e, além disso, tem demonstrado possuir um estatuto teórico embasado em um método, fazendo diluir as fases do tempo civilizado e não-civilizado. Por isso, faz-se necessário desmancharmos as discriminações, os conceitos, pressões e conflitos que protagonizam a sociedade civilizada com relação aos povos da mata.

Urge fazermos, portanto, reflexões profundas e desconstruções das versões oficiais do saber científico com relação à sua posição desrespeitosa aos saberes dos povos da mata e das suas práticas, o que tem levado às mais variadas formas de etnócidio, silenciando as manifestações culturais dos povos da mata, tanto no que se refere ao extermínio físico, quanto no que respeita ao processo de pauperização como extensão da sua cultura.

Os povos da mata são sujeitos de uma história constituída de atos de revolta, resistência e afirmação étnica. Considerar o saber desses povos é trilhar o caminho da cidadania, que requer o reconhecimento da diversidade da natureza e sua relação dialógica com o homem, bem como representa o reconhecimento do estatuto teórico e metodológico que está imputado no seu conteúdo, dando-nos insumos para construirmos saberes voltados devidamente ao devenir humano e não-huma-

Saberes dos povos da Mata Amazônica e a natureza

Elane Andrade  
Correia Lima

no no sentido de construção de uma sociedade mais justa e decente.

Esses povos resistem às agruras do tempo, reafirmando a sua etnicidade que se impõe milenarmente, provocando aos civilizados a repensarem a sua condição, fazendo-nos prestar atenção aos seus cânticos, lendas, ritos, contos e mitos, que além de serem belas palavras narram a origem da vida. É por meio delas – as palavras ditas e silenciosas e as expressões caladas e ritualísticas – que os povos da mata reencantam o mundo dos saberes e reafirma a sua história. E a faz com lágrimas, suor, dor e muita luta, mas também com festa, ritos, mitos e com o seu corpo desenhado e pintado com as cores da força da resistência à sua dizimação para obtenção da posse da terra e reprodução de suas vidas, bem como para valorização do meio ambiente e da biodiversidade da vida. Reproduzem quotidianamente a sua concepção socioambiental, considerando que “o apagamento histórico de um povo é “recuperado” como herança cultural pelo povo nascente”. (VERGANI, 1995, p.94).

Esses povos, ao brigarem secularmente para viverem decentemente fazem da vida uma alquimia constante de renascimento, tornando-se, a cada investida da chama da fogueira também secular, uma fênix cuja “alma depois da morte retorna à sua fonte, o Sol”. (BRUNEL, 1998, p. 367). Como o pássaro, busca regenerar-se das feridas, às vezes perdendo um pouco de si em cada cicatrização “tornando-se aquele passado de cabeças mortas” (...) “Quando o fogo se apaga, elas juntam os detritos, cobrem-nos com uma tintura azul e vermelha e formam com eles “composições grotescas e grandiosas”. (Ibidem, p. 368). Em outras vezes, protegem com suas asas o seu rosto, sua alma, enfim a sua cultura para tornar-se pai de si mesmos.

Os povos da mata buscam, portanto, dar conta da diversidade que os cerca, adotando nas suas milenares trilhas metodológicas e teóricas um jeito de pesquisar,

elaborar, que representa para nós, aprendizagens de sua sabedoria, um prestar atenção ao mundo mediante um olhar bio-físico-anthropossocial, que opera em duas dimensões, a ecossocial-política e a metodológica, cuja condição re-configura os saberes classistas e reducionistas.

O saber da mata mediante os seus registros teórico-metodológicos, metamorfoseia a concepção clássica do mundo real na sua interação com o mundo dos homens, negando-se milenarmente a fazer “um sobrevôo desencantado dum mundo lunar, mas a exploração, sempre local e eletiva, duma natureza complexa e múltipla”. (PRIGOGINE; STENGERS, 1997, p. 5).

O desenvolvimento de seu saber longe de considerar a natureza como influência externa, escapole, portanto, das vicissitudes do conhecimento clássico para firmar-se na intimidade da interconexão entre os domínios de natureza e cultura, preservando a inseparável aliança entre o homem e o mundo natural em que ele está inserido.

Na dinâmica relacional entre natureza e cultura, os povos da mata imprimem na sua escritura uma via de conhecimento capaz de nos oferecer alguma resposta às nossas questões pertinentes à problemática humana.

Os reflexos desse saber nos conduzem ao âmago dos mistérios de nossa gruta interior e da vida para fazer-nos renascer como os cultos dos mistérios da Grécia antiga nos momentos de celebração de seus rituais na caverna de Elêusis. O sentido da descida à escuridão do seu interior era como adentrar o ventre da Mãe-Terra, emergia-se num ritual de iniciação de renascimento: “estive no interior das entranhas da Mãe-Terra, vi maravilhas e adquiri conhecimentos muito curiosos nas regiões da escuridão”. (SHELDRAKE, 1990, p. 26).

O conteúdo do saber da mata traz nas suas entranhas insumos que nos fazem questionar o saber científico como instrumento único de compreensão e interpretação da vida, e ao escaparem “à erosão do

tempo”, ficam cada vez mais firmes no terreno do conhecimento.

Por meio do perfil teórico-metodológico de seu saber, os povos da mata, com firmeza histórica, deixam no seu pensar um conteúdo que representa, na verdade, uma nova filosofia, a filosofia da esperança, da compreensão. Nesse processo criou uma ruptura com o mundo normatizado/cotidianizado.

*“A ruptura com o mundo normatizado/cotidianizado/convencionado tem sido operado de três formas: através do transe, através da arte e através da criatividade, a nossa civilização há muito que proibe o transe. Certas formas de arte perderam o vigor da significação ao enleiar-se nos meandros do elitismo e do marketing. Resta-nos apenas a esperança difusa que designamos por criatividade...”.* (VERGANI (2003, p. 93).

Os povos da mata fazem da criatividade que produz o seu saber um “estado de graça” que não se constitui uma “confusa fantasia onírica, mas uma interrogação sobre a novidade possível e que se traduz por uma “experiência da consciência” capaz de integrar a função imaginal: essa espécie de “santidade”, ou esse espírito de infância, “nasce quando nos tomamos o sujeito do verbo maravilhar-se”. (VERGANI, 2003, p. 94).

Nesses termos, os povos da mata são essencialmente criativos e resistentes à dilaceração de sua cultura. Com um olhar ágil de contínuo recém-nascimento, se deixa remodelar para estar sempre pronto para recomeçar. Nessa perspectiva, “a criatividade é uma atitude apocalíptica, um espaço/tempo por onde se transcende a caducidade efêmera de um fim e onde se renova sobressalto de um saber primeiro”. (VERGANI, *ibidem*, loc. cit).

No movimento de determinação de sua identidade e sobrevivência às investidas de destruição dos civilizados, os povos da mata definem o seu sistema teórico de referência, que se apresenta como “um acto de liberdade axiomática” (*ibidem*, p. 29), que difere dos processos de dogmatização, contrastando-se com a sua forma, para, no en-

tanto, tornar-se um elo viabilizador da relação dos saberes, da forma tradicional e da forma científica, bem como firmar-se singularmente em uma via de entendimento da vida, uma vez que, afirma Lévi-Strauss:

*“Como representante do concreto, o pensamento selvagem elabora sua cientificidade a partir de classificações da natureza e de imagens mundi, verdadeiros edifícios mentais que não dissociam o sensível e o inteligível, fato que corrobora a idéia de que a abstração não é privilégio das línguas civilizadas (...) Os territórios míticos são circulares, redondos, assemelham-se a máquinas de supressão do tempo, que investem contra a linearidade cronológica dos acontecimentos, para instituírem um tempo segundo, constituído por um sistema no qual sincronia e a diacronia, razão analítica e razão dialética não se apresentam como categorias excludentes. Repertórios míticos sempre se utilizam de recursos de uma memória involuntária, fragmentária, para desvendar dilemas e contradições centrais de humanos de todas as épocas. Seus edifícios mentais não se petrificam em superestrutura frias, esses ‘atos falhos que socialmente tiveram êxito’”. (LÉVI-STRAUSS, 1998, p. 70).*

Esses saberes restabelecem um humanismo que põe em questão certezas e prescrições cartesianas que tecem com sabedoria um “humanismo sabiamente concebido que não começa por si próprio, mas recoloca o homem na natureza, no lugar de instituí-lo como o mestre dos destroços”. (LÉVI-STRAUSS, 1983: 35, apud CARVALHO, 2003, p 49).

Os saberes da mata ao promoverem a reconciliação entre o físico e o moral, a natureza e o homem, o mundo e o espírito, nos fazem pensar na possibilidade de se viver num mundo onde a dignidade humana seja o tom embalador dos nossos passos e contrapassos abrindo, conforme Lévi Strauss:

*“A possibilidade de uma ética para a condição humana que invista em direitos gerais à vida, baseados na identidade biocultural da espécie. Garantir a unidade do humano de todas as épocas e de*

Saberes dos povos da Mata Amazônica e a natureza

Elane Andrade Correia Lima

*todos os tempos supõe apostar nessa possibilidade histórica, mesmo diante das condições adversas da modernidade. Trata-se de repensar um universalismo mediante o qual nenhum povo, nenhuma etnia, nenhuma cultura sejam tratados como objetos, mas como unidades dialógicas entre o mesmo e o outro, o próprio e o alheio. Se essa reconciliação algum dia vier a ser efetivada e, com ela, todas as dicotomias implodidas, seria possível*

*supor que a cultura se redefina a partir da dialogia instaurativa entre natureza e cultura. Atingir a mais alta homogeneização civilizatória implica reconhecer, como os mitos o fizeram, que 'um humanismo bem ordenado não começa por si mesmo, mas coloca o mundo antes da vida. A vida antes do homem, o respeito pelos outros seres vivos antes do amor próprio'". (LÉVISTRAUSS, 1968: 422 apud CARVALHO, 2003, p. 49).*

Saberes dos povos  
da Mata Amazônica  
e a natureza

Elane Andrade  
Correia Lima

## Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Maria da Conceição de. *Complexidade e cosmologias da tradição*. Belém: EDUEPA; UFRN/PPGCS, Belém, 2001.
- BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- CAPRA, Fritjof; STEINDL-RAST, David; MATUS, Thomas. *Pertencendo ao Universo, explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade*. Editora Cultrix, São Paulo.
- CARVALHO, Edgard de Assis. *Enigmas da cultura*. São Paulo: Cortez, 2003, (Coleção Questões da Nossa Época; v. 99).
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- Lévi-Strauss, Claude. *O pensamento selvagem*. Tradução de Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. 2 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1960.
- \_\_\_\_\_. *O pensamento selvagem*. Tradução de Tânia Pellegrini, Campinas, SP: Papyrus, 1989.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000b.
- \_\_\_\_\_. *Os meus demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000c.
- MUNDURUKU, *Um estranho sonho de futuro, casos de índio*. São Paulo: FTD, 2004b.
- SHELDRAKE, Rupert. *O renascimento da natureza: o reflorescimento da ciência e de Deus*. Trad. Maria de Lourdes Eichenberger; Newton Roberval Eichenberger. São Paulo: Cultrix, 1991.
- VERGANI, Teresa. *A surpresa do mundo: ensaios sobre cognição, cultura e educação*. Natal: Flecha do Tempo, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Excrementos do Sol: a propósito de diversidades culturais*. Lisboa: Pandora, 1995.
- PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. *A nova aliança, metamorfose da ciência*. Trad. de Miguel Faria Joaquina Machado Trincheira Brasília: UNB, 1997.

Saberes dos povos da Mata Amazônica e a natureza

Elane Andrade  
Correia Lima